

ISSN 1678-0531 - Impresso
ISSN 2177-7160 - Online

LIAMES



LÍNGUAS INDÍGENAS AMERICANAS

15(1)

LIAMES	Campinas	nº 15(1)	p. 1-186	Jan./Jun. 2015
--------	----------	----------	----------	----------------

Revista LIAMES

UNICAMP/IEL-Setor de Publicações

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571

13083-859 - Campinas - SP - BRASIL

Fone/Fax.: (19) 3521 1528

e-mail: spublic@iel.unicamp.br

<http://www.iel.unicamp.br/>

Línguas Indígenas Americanas. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. – Campinas, SP, n.1 (2001–2014).

Periodicidade semestral, Anual até 2014.

e-ISSN 2177-7160 (online).

ISSN 1678-0531 (impressa).

Publicação do IEL/Departamento de Linguística.

1. Línguas indígenas - Periódicos. I. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Linguística.

CDD 498.05

Indexada em / Indexed in:

CSA/Sociological Abstracts (USA), MLA - International Bibliography (USA), CCL - Current Contents Linguistik, Bibliographie Linguistique/Linguistic Bibliography, Linguistics and Language Behavior Abstracts, ULRICH'S International Periodicals Directory, Latindex, Infoling.org, Seer.ibict, Diadorim.ibict, EZB - Electronic Journals Library, Google Scholar - Diretório Acadêmico do Google, Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), EBSCO, GALE - Cengage Learning.

PEDE-SE PERMUTA / Exchange requested / Se solicita canje /
Wir bitten um Austausch / On demande l'échange / Si chiede lo scambio



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: JOSÉ TADEU JORGE

Vice-Reitor: ALVARO PENTEADO CRÓSTA

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

Diretor Associado: JEFFERSON CANO

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenadora: ORNA MESSER LEVIN

EQUIPE EDITORIAL

E. A. SANTOS – A. LEME – N. ALVES

PROJETO GRÁFICO e ARTE-FINAL de CAPA

(SP-IEL)

CAPA: PROJETO e ILUSTRAÇÃO

CÉLIA HARUMI SEKI

SUMÁRIO

Apresentação

- Marília Facó Soares** 5
“À guisa de introdução: nas trilhas da produção científica sobre línguas ameríndias - contribuições do III Simpósio Internacional de Linguística Ameríndia da ALFAL”

Artigos

- Fernando O. de Carvalho** 17
Gean N. Damulakis
The structure of Akroá and Xakriabá and their relation to Xavante and Xerente: A contribution to the historical linguistics of the Jê languages
- Ricardo Campos Castro** 47
Quesler Fagundes Camargos
Propriedades verbais em estruturas nominais e nominalizadas na língua Tenetehára (família Tupí-Guaraní)
- Cintia Valeria Carrió** 69
Construcciones causativas y anticausativas en Mocoví
- Armando Mora-Bustos** 91
Los verbos ditransitivos en mazahua
- Andrés Romero-Figueroa** 113
Cláusulas ergativas y no ergativas en ye'kwana (caribe del norte)

Luciana Sanchez-Mendes 125
A modificação de grau no domínio verbal
em Karitiana: Evidência para escalas indeterminadas

Ana Quadros Gomes 149
Línguas indígenas brasileiras: O novo
campo de provas dos universais linguísticos

Resenhas

Graziela Rocha Ramos 167
Angel Corbera Mori
Reduplication in indigenous languages of South America

Angel Corbera Mori 179
Expresión de nociones espaciales en lenguas amazónicas

APRESENTAÇÃO

Marília Facó Soares

(Museu Nacional/Universidade Federal do
Rio de Janeiro/Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq)

**“À guisa de introdução: nas trilhas da produção científica
sobre línguas ameríndias - contribuições do
III Simpósio Internacional de Linguística
Ameríndia da ALFAL”**

De 26 a 30 de novembro de 2012, realizou-se, no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o III Simpósio Internacional de Linguística Ameríndia da ALFAL, também conhecido como *Alfalito*.¹

¹ Comissão organizadora: Marília Lopes da Costa Facó Soares (presidente); membros: Tania Clemente de Souza (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ); Fábio Bonfim Duarte (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG); Angel Corbera Mori (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP); Wellington Pedrosa Quintino (Universidade Estadual do Mato Grosso – UNEMAT); secretário: Nicolas Alexandria Pinheiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). O III *Alfalito* apresentou, entre suas atividades, cursos intensivos em nível de pós-graduação (minicursos pré-simpósio), conferências plenárias, mesas-redondas temáticas, sessões de comunicação, workshop, apresentações e lançamento de livros.

Durante o Simpósio, foram apresentados trinta e quatro trabalhos, tendo sido focalizadas, entre outras, as línguas Akroá, Bakairí, Chiquitano, Kamaiurá, Karajá, Karitiana, Kuripako, Lacandón del Sur, Mazahua, Mocoví, Shirian, Tenetehára, Tesapé, Ticuna (Tikuna), Wapixána, Xakriabá, Xavante, Yanomami, Yaqui, Yavarana, Yucateco – pertencentes a diferentes famílias linguísticas e relacionadas a diferentes pontos das Américas. Vale registrar que, ao lado de línguas específicas, houve trabalhos que privilegiaram determinadas famílias linguísticas como um todo (família Pano, família Záparo), determinadas áreas linguísticas (línguas do Chaco, dos Andes e da região Guaporé-Mamoré), determinado conjunto de línguas no interior de uma família linguística (Línguas Karib (Carib) do norte) e, ainda, variedades de uma mesma língua (dialetos do Guarani) e determinada variedade de segunda língua falada por comunidades cuja primeira língua é indígena (Português Huni-Kuin). Um outro ponto merecedor de registro foi o espaço aberto, no âmbito do evento, para a discussão de teorias linguísticas e de determinados temas de análise, para as dimensões linguísticas e políticas do trabalho linguístico e para o diálogo entre pesquisadores com diferentes pertencimentos institucionais. Além de pesquisadores vinculados a instituições no Brasil,² o evento reuniu pesquisadores provenientes de instituições localizadas em diferentes países.³

Uma parte importante dos trabalhos que foram inicialmente apresentados no III Simpósio Internacional de Linguística Ameríndia da ALFAL encontra-se aqui, neste número da LIAMES, especialmente dedicado a artigos resultantes de comunicações e de algumas apresentações ocorridas em mesas-redondas. Submetidos por seus autores conforme as regras da LIAMES, tais artigos foram reescritos e rigorosamente avaliados pelo sistema de pares “cegos” da revista. Selecionados, compõem um espectro importante do modo como se distribui a energia que impulsiona a própria pesquisa que toma as línguas ameríndias como seu objeto de interesse. E, aqui apresentados, apontam para os rumos que vem tomando a investigação científica em uma amostra representativa dessas línguas na atualidade.

Em “The structure of Akroá and Xakriabá and their relation to Xavante and Xerente: a contribution to the historical linguistics of the Jê languages”, de Fernando O. de Carvalho e Gean N. Damulakis, a meta maior é aprofundar o conhecimento sobre o chamado ramo central da família Jê. Os autores têm como ponto de partida a questão da extração de informação linguística presente em listas vocabulares constituídas majoritariamente no século XIX e disponíveis para o Akroá e o Xakriabá, duas línguas tidas como extintas e consideradas como pertencentes ao Jê central. O passo seguinte é comparar os resultados de tal extração com o que é informação correspondente em duas

² Entre as instituições brasileiras representadas estiveram: a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Estadual de Campinas, a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade de São Paulo, a Universidade Estadual do Mato Grosso.

³ Os outros países e as instituições representadas foram os seguintes: a) Argentina (UNL-UNR-CONICET, Santa Fe; Universidad Nacional del Litoral; Universidad de San Juan); b) Canadá (Western University Canada); c) Espanha (Linguistics and Basque Studies, Faculty of Arts University of the Basque Country (UPV/EHU)); d) Estados Unidos (New York University; Stony Brook University); e) Inglaterra (University College London); f) México (Escuela Nacional de Antropología e Historia; Instituto Nacional de Antropología e Historia - Centro Yucatán; Universidad de Sonora; Universidad Autónoma Metropolitana-Unidad Iztapalapa); g) Paraguai (Instituto Superior de Educación/ ISE); h) Peru (Universidad Nacional Mayor de San Marcos); i) Venezuela (Universidad Central de Venezuela; Universidad Católica Andrés Bello).

outras línguas – o Xavante e o Xerente – que, vivas, integram também o ramo central da família Jê. Desvelar informações linguisticamente relevantes a partir de um material em si limitado e constituído por não linguistas é tarefa complexa, sobretudo quando se coloca em cena o método comparativo que, pilar da Linguística Histórica, busca, principalmente, a identificação de inovações que, compartilhadas de modo único por determinadas línguas, estão presentes em suas respectivas fonologia, léxico e gramática. O desafio é enfrentado pelos autores através de uma detalhada caracterização e análise das fontes que servem a seu trabalho. De um lado, isso os conduz a uma reinterpretação dos dados disponíveis em listas vocabulares constituídas em tempos mais afastados - reinterpretação parcial, com as devidas justificativas, no caso do Akroá e do Xakriabá. De outro lado, leva-os a determinados ajustes na representação de dados constantes de trabalhos descritivos de produção mais recente - ajustes fundados em uma visão criteriosa, teoricamente sustentada, das fonologias do Xavante e do Xerente. Com base nas reinterpretações e ajustes efetuados, os autores se habilitam a tratar de determinados processos no âmbito da fonologia histórica (a retenção de *k em Xakriabá, Akroá e Xerente, em face da mudança desse protossegmento para uma oclusão glotal em Xavante; a perda ou redução de algumas vogais, uma aparente inovação compartilhada entre Xerente, Akroá e Xakriabá). E se, nos limites da documentação e dos dados disponíveis, não é possível provar a existência de um agrupamento ou ramo que viesse a reunir historicamente Akroá, Xakriabá e Xerente - ao qual se contraporía um ramo constituído pelo Xavante-, o trabalho realizado coloca em questão o reconhecimento usual de um subgrupo Akwen (integrado pelas línguas Xavante e Xerente) e deixa, como hipótese, para o Jê central, uma estrutura que nivela as quatro línguas envolvidas (hipótese que necessitaria ser fortalecida ou desconfirmada). Além disso, no que é o primeiro estudo a lidar exclusivamente com o ramo central da família Jê do ponto de vista histórico comparativo, os autores lançam luzes sobre a estrutura do Akroá e do Xakriabá e apresentam, também a título de hipótese, um total de quarenta e duas etimologias no âmbito do Jê central.

A existência de um paralelismo formal entre nomes e verbos é o tema de fundo do artigo “Propriedades verbais em estruturas nominais e nominalizadas na língua Tenetehára”, de autoria de Ricardo Campos Castro e Quesler Fagundes Camargo. Buscando demonstrar que a língua Tenetehára (da família Tupi-Guarani, tronco Tupi) projeta propriedades verbais em estruturas nominalizadas e que as codificações tipicamente associadas a verbos ocorrem igualmente em sintagmas nominais, os autores voltam-se para quatro morfemas nessa língua, vistos como nominalizadores. No bojo do que a tradição de estudos sobre Tupi e, em especial, sobre variedades do Tenetehára (a saber, Guajajara e Tembê) permitiu identificar e caracterizar, os morfemas em questão são examinados pelos autores um a um. No artigo, o exame se realiza com base em uma expressiva quantidade de dados e sob uma ótica que, fundada em uma preocupação formal, inclui: estruturas nominalizáveis; o papel de cada morfema nominalizador; as acepções semânticas que esse introduz; as estruturas semânticas possíveis como resultado da nominalização em causa e a (im)possibilidade de eliminação de ambiguidade; e as possíveis funções sintáticas desempenhadas pelas construções resultantes da nominalização. A mesma ótica inclui também o alvo da construção nominalizada e, quando é o caso, injunções que pesam sobre um dado nominalizador ou, ainda, sobre determinadas construções nominalizadas, em termos da constituição interna ou dos efeitos sintáticos dessas últimas. O ponto de partida para o que

essa ótica inclui está no tipo de verbo – se inacusativo, inergativo, transitivo - a que se afixa cada morfema nominalizador focalizado e, conseqüentemente, no(s) argumento(s) que esse verbo seleciona. O conjunto de elementos incluídos pelos autores na análise serve à demonstração da existência de propriedades comuns entre predicados verbais e predicados nominais em Tenetehára, agregando-se a esses últimos os predicados nominalizados. O elo entre esses tipos de predicado se torna patente a partir da ideia de propriedades verbais projetadas em estruturas nominalizadas nessa língua. Assim, percorre-se o caminho em direção à prova de que propriedades típicas de construções verbais se fazem presentes em construções nominais e nominalizadas, focalizando-se, na parte final do artigo, a marcação de tempo, aspecto e, ainda, a morfologia causativa. Sintaticamente, no âmbito da marcação temporal em Tenetehára, ganha relevo a possibilidade da disjunção entre o tempo do sintagma nominal e o tempo do sintagma verbal, ou seja, a possibilidade da não coincidência de tempos entre ambos os sintagmas. Visibilizada por morfemas de natureza verdadeiramente flexional, a disjunção temporal sustenta a admissão de que nomes, assim como verbos, projetam uma categoria funcional capaz de codificar tempo – admissão também sustentada, em Tenetehára, por sintagmas nominais não derivados de verbos. Quanto à codificação morfológica do aspecto, essa ocorre nas predicções verbais e, igualmente, em contexto nominal, no nível propriamente do sintagma nominal. E, relativamente à morfologia causativa, essa, ao fazer com que verbos inacusativos e inergativos deem lugar a predicados transitivos, também se apresenta em construções nominalizadas. No entanto, diferentemente da marcação de tempo e aspecto, o morfema causativo não é a instanciação de uma categoria funcional que também possa pertencer ao domínio do sintagma nominal. Desse modo, percorrido um caminho laborioso em busca de provas do paralelismo entre verbos e nomes na língua, coloca-se, para o artigo, um problema teórico que afeta o tratamento de tempo e aspecto em Tenetehára. No artigo, providencia-se uma solução para o tratamento do tempo. Diferentemente do que ocorre em línguas europeias, em que a marcação temporal está centrada nos predicados verbais, a codificação temporal em sintagmas nominais em uma língua Tupi, como é o caso do Tenetehára, envolve uma questão teórica quanto ao modo como se dá essa codificação. A resposta dos autores a essa questão vem, de forma cuidadosa, através da distinção entre o tempo da referência e o tempo da elocução, cujo encadeamento se evidencia em dados da língua estudada, que exibem uma estreita relação entre o tempo da elocução e o tempo do sintagma nominal, de um lado; e entre o tempo da referência e o tempo do sintagma verbal, de outro lado.

De autoria de Cintia Valeria Carrió, o artigo “Construcciones causativas y anticausativas en Mocoví” coloca em cena a expressão da semântica causativa e anticausativa em Mocoví, língua falada na Argentina e pertencente à família Guaycurú. Com base em um entendimento da causatividade como um universal semântico que se vale de fenômenos distintos para sua materialização em línguas particulares, a autora focaliza, ao longo do artigo, construções (e diversos processos) gramaticais que constituem, no nível oracional da língua estudada, instancicações da semântica causativa e anticausativa. No artigo, a apresentação das principais características do Mocoví – com atenção inclusive a trabalhos de outros autores e visão crítica sobre detalhes de análise ainda por esclarecer – prepara o terreno para a abordagem das construções causativas e anticausativas. Em Mocoví, a causatividade (que, conforme o previsto, faz variar a estrutura argumental

do predicado) habilita um novo argumento, saturável por um agente, uma causa, um instrumento ou, em alguns casos, um experienciador. Nessa língua, segundo a autora, podem ser encontrados casos de causatividade lexical, morfológica (sintética) e analítica (sintática/perifrástica). Ao analisar as diferentes combinações e os tipos de causatividade disponíveis na língua, atendendo a condicionamentos semânticos e morfossintáticos, a autora busca explorar os seus efeitos do ponto de vista sintático e semântico. No quadro das causativas lexicais, a autora localiza não só verbos causativos que projetam uma estrutura argumental com argumento externo (em que esse pode ser um agente, uma causa, um instrumento ou um experienciador), mas também formas verbais que, participantes de uma construção em que o argumento externo exhibe certo grau de afetação, habilitam uma leitura anticausativa (“em que o processo se desenvolve no sujeito, sem que esse seja o agente prototípico desse evento”). Apresentando-se ainda uma terceira situação no quadro das causativas lexicais - aquela em que um aparente verbo causativo contém uma raiz incorporada correspondente a ‘mandar’ -, a autora faz notar que a raiz mencionada pode aparecer em orações com três argumentos, sendo que dois deles portam o traço [+animado] e o argumento restante caracteriza-se por ser [+locativo]. Faz notar também que, aparentemente, inexistem em Mocoví um verbo com conteúdo lexical específico que seja um equivalente direto para ‘causar’. No âmbito das causativas morfológicas, em que se tem um morfema afixado a bases verbais, o Mocoví exhibe dois sufixos de causatividade que - vale registrar - apresentam uma proximidade fonológica (-*Gat* e -*Gan*). A autora se volta para os mesmos, distinguindo-os em termos dos seus efeitos sintáticos. O primeiro morfema (-*Gat*), ao se combinar a bases verbais intransitivas e bases verbais intransitivas com alternância transitiva, incrementa a estrutura argumental, habilitando um novo argumento externo (causador) que, possuidor dos traços [\pm animado], tem como seu papel temático o de causa-instrumento ou agente. O segundo morfema (-*Gan*), combinando-se a bases verbais intransitivas (ao que tudo indica, inergativas), permite a derivação de verbos causativos morfológicamente marcados, sendo que o lugar de argumento externo é ocupado tanto por agentes como por causas. Aqui a restrição na seleção das bases não está clara (o que a autora reconhece). No entanto, da sua análise desses dois morfemas resultam dois fatos importantes, a saber: a separação do morfema causativo (-*Gan*) do seu isomorfo antipassivo, o que é alcançado por meio da especificação dos condicionamentos de cada caso; a comprovação de que a construção anticausativa é básica, dessa se derivando a construção causativa, que se mostra mais complexa, com mais estrutura. Em sua parte final, o artigo se encaminha para a análise e discussões relacionadas a nominais resultativos, para a nominalização de instrumentos e as causativas analíticas. A morfologia nominal resultativa se revela implicada na semântica causativa, do mesmo modo que a nominalização de instrumentos se mostra relevante sob o mesmo ângulo semântico. Examinados todos os casos que o artigo focaliza, a autora providencia, coerentemente, uma grande síntese em que - ao lado das bases e derivações envolvidas, dos contextos morfossintáticos e semânticos condicionadores - está presente a semântica disparada por cada construção.

Questões vinculadas a papéis e relações temáticas, a relações gramaticais, expressão morfológica e possibilidades estruturais ocupam o primeiro plano em “Los verbos ditransitivos en mazahua”, de Armando Mora-Bustos. Em seu artigo, o autor mostra que, nessa língua, não é possível haver codificação morfológica simultânea de recipiente e tema

em verbos bitransitivos. Se esses dois participantes estão, de alguma forma, presentes, somente o dativo (expressão do recipiente) poderá receber codificação no verbo. E, se sufixos pronominais não se encontram codificados no verbo ao mesmo tempo, isso não quer dizer que as frases nominais que expressam tanto o objeto direto quanto o indireto sejam mutuamente excludentes relativamente aos sufixos que os codificam (na realidade, tais frases nominais podem ou não coocorrer com esses sufixos). Com vistas ao tratamento desse fato e de outros que se encontram relacionados, o autor opta pela descrição das estratégias morfossintáticas utilizadas, na língua, para a codificação das propriedades gramaticais dos verbos transitivos. Assim, o Mazahua – língua tonal que, pertencente ao grupo Otopame (família Otomangue), apresenta sintaticamente um alinhamento nominativo-acusativo, orações transitivas com ordem básica VOS e exhibe, entre outras características, fenômenos morfofonêmicos complexos envolvendo a raiz – é visto à luz de determinadas verificações realizadas pelo autor. No artigo, verifica-se a existência ou não de determinadas correlações, as quais, juntamente com características morfológicas e sintáticas, cumprem o papel de iluminar o comportamento dos verbos transitivos focalizados. No conjunto das verificações colocadas em cena, estão aquelas relativas à existência ou não, no âmbito oracional, de correlações entre valência sintática e estrutura argumental; e entre argumentos semânticos e relações gramaticais. E, no que diz respeito a características morfológicas e sintáticas, essas se fazem relevantes ao serem tratados os alinhamentos maiores, as construções com objeto simétrico (objeto duplo, com o mesmo nível de comportamento sintático), as relações temáticas de determinado tipo de verbo (os verbos de transferência), a pronominalização do recipiente, a topicalização do tema e do recipiente. No quadro das construções com objeto simétrico, sobressaem aquelas em que o verbo não exhibe qualquer tipo de sufixo identificador dos objetos envolvidos. Ao tratar dessas últimas, o autor se volta para a investigação da ordem básica da construção, para a perspectiva de variabilidade na ordem das frases nominais que expressam os dois objetos e, ainda, para a recuperação do referente do(s) participante(s) sem codificação em frase nominal plena. Já no pequeno conjunto de verbos de transferência bitransitivos, também são abordadas a ordem das relações gramaticais e a inclusão ou não de todos os participantes – base a partir da qual se dirige o olhar para a denotação de papéis temáticos e as relações aí associadas. No que diz respeito à pronominalização do recipiente, considera-se a função da sua duplicação; e confere-se, igualmente, atenção à possibilidade de modificação, por uma construção relativa cindida, do pronome que duplica o recipiente afixado no verbo – em contraposição à impossibilidade de modificação do recipiente ao não estar esse duplicado por meio de um pronome ou frase nominal estendida. Quanto à topicalização do tema e do recipiente, leva-se em conta que o tópico, além de uma posição (a mais proeminente na oração), é também uma função pragmática. A topicalização do recipiente, na língua estudada, se dá conforme as expectativas ligadas aos padrões de topicalidade dos papéis semânticos (Givón, 2001); já a topicalização do tema, que se dá em contextos específicos, é um modo de conferir proeminência a esse papel temático, em face da baixa produtividade das construções passivas na língua. Tanto o tema quanto o recipiente podem ser alvo de perguntas, não havendo qualquer restrição a esse respeito. Por fim, com relação ao alinhamento das construções bitransitivas, tem-se, na maioria dos casos, um alinhamento indiretivo, em que os morfemas que expressam o recipiente apresentam uma configuração morfológica particular (diferentemente dos morfemas que

assinalam o tema, que são idênticos aos que servem à expressão do paciente). Um grupo de verbos bitransitivos apresenta, porém, especificamente na terceira pessoa, um alinhamento neutro – em que tema e recipiente são expressos somente por meio de frases nominais plenas e com expressão morfossintática similar, não havendo qualquer codificação a seu respeito no interior do verbo (situação dos objetos simétricos). A identificação, com comprovação, de dois tipos de alinhamento morfossintático – indiretivo e neutro – revela-se como um passo importante no contexto dos estudos sobre o Mazahua.

O conhecimento das operações referentes a mecanismos cuja natureza envolve pragmática e gramática é um dos principais pontos para a compreensão do artigo “Cláusulas ergativas y no ergativas en ye’kwana”, de Andrés Romero-Figueroa. Língua Karib do norte da América do Sul, o Ye’kwana apresenta, no verbo, índices de pessoa ergativos, ao lado de índices de pessoa transitivos não ergativos. Nessa língua, determinadas ordens de constituintes, entre aquelas consideradas dominantes ou significativas, respondem a diferentes necessidades comunicativas, sendo que suas configurações morfológicas são distintas. Em orações simples ergativas que não exibem, em um de seus argumentos, traços de marcador nominal de ergatividade, são os índices verbais de pessoa (transitivos) ergativos que previnem ambiguidades, garantindo a clareza da mensagem. A isso se juntam dois fatos: tais índices também desempenham um papel na focalização de agente e paciente; e a estruturação oracional ergativa opera sistematicamente com a terceira pessoa, o que introduz um fator de assimetria na indexação ergativa do verbo. Para o autor, como o falante - o *ego* - e o seu interlocutor - o *tu* - “se ajudam com a dêixis espacial e não requerem, na realidade, outros mecanismos para prevenir ambiguidades”, a primeira e a segunda pessoas são inseridas, preferencialmente, em estruturas que, com frequência, são não ergativas e próximas, em termos de organização e comportamento, às orações SVO do espanhol. O mesmo não se dá com a terceira pessoa. Sem contar com os mesmos recursos dêiticos da primeira e segunda pessoas, a terceira pessoa se faz sistematicamente presente na estruturação ergativa, que, com alcance somente sobre essa pessoa, representa, no estágio atual do Ye’kwana, segundo o autor, o único vestígio de um sistema originário e amplamente estabelecido. Esse último estaria centrado em uma unidade nuclear constituída por predicados que, expressando processos, requereria que os participantes fossem indicados com precisão, em conformidade com seus papéis – daí se seguindo a necessidade de o sistema distinguir, morfológicamente, os índices que focalizam argumentos pacientes (ou receptores e beneficiários) e os que focalizam argumentos agentes (ou atores e iniciadores). Com presença sistemática na estruturação ergativa, a terceira pessoa apresenta mais uma particularidade: os índices ergativos com que essa se apresenta no verbo são, do ponto de vista morfológico, idênticos aos seus índices verbais não ergativos. Como consequência, tem-se uma superposição parcial (pela via da terceira pessoa) entre os índices de pessoa verbais em orações ergativas e não ergativas. Considerando-se os fatos linguísticos e as sistematizações apresentadas pelo autor, abre-se uma porta, no artigo, para observações sobre a passagem de língua ergativa a acusativa – processo que, na visão do autor, estaria em curso em Ye’kwana e nas línguas Karib do norte restantes. A própria superposição apontada – e que envolve os índices de pessoas verbais - constitui uma evidência de que o processo em causa ainda não se completou. E, na esteira de um processo em curso, articula-se a possibilidade da redução de marcadores morfológicos à entrada de operações semânticas mais dependentes

da animacidade e especificidade dos argumentos – o que é compatível, em orações simples do Ye'kwana, com um ordenamento que posiciona o verbo entre uma frase nominal à esquerda (X) e uma frase nominal à direita interpretável como objeto (O); ou seja, um ordenamento sob condições análogas àquelas das orações SVO do espanhol. Com a introdução de novos dados, o autor sustenta a sua argumentação e a tese de que a morfologia e a semântica dos verbos em Ye'kwana se encarregam de mostrar quais são as funções sintáticas dos argumentos, o que se fortalece por meio de uma comparação com outras línguas da família Karíb. A apresentação das motivações aparentes, a erosão da morfologia ergativa e o fortalecimento de outras alternativas do ponto de vista sintático encaminham o leitor para uma compreensão do modo como se interpretam diferentes construções do Ye'kwana, inclusive as que são sintaticamente complexas. Em sua parte final, o artigo examina as construções transitivas – ergativas e não ergativas – e, ainda, aquelas com verbos intransitivos (cujos índices de pessoa integram conjuntos diferentes, dependendo do papel semântico de seu argumento). Também aborda as bases verbais, a direção e a complexidade da derivação no âmbito dessas bases e o aporte fonológico levado a essa derivação, além de graus de transitividade. Sempre levando em conta a variável morfologia, o artigo apresenta, entre suas conclusões, a de que o caráter ergativo de uma língua não repousa, nem exclusiva nem especialmente, na marcação de seus argumentos por meio de sufixos de ergativo nominais. Ao contrário, a análise do Ye'kwana empreendida no artigo vai em uma direção segundo a qual a ergatividade – assim como a sua cisão, que dá lugar a padrões não ergativos – apresenta uma maior dependência dos matizes semânticos das bases verbais e dos índices verbais de pessoa, constituindo-se esses últimos em elementos fundamentais para a focalização dos argumentos.

O domínio verbal também se faz presente em “A modificação de grau no domínio verbal em Karitiana: evidência para escalas indeterminadas”, de Luciana Sanchez-Mendes, mas sob um outro ângulo: o de uma teoria semântica que assume graus e estruturas escalares, estando essa integrada ao quadro teórico-metodológico da Semântica Formal. Adotado pela autora, esse quadro tem como seu objeto final a explicitação das condições de verdade de uma sentença de uma língua natural, através de uma forma lógica elaborada em metalinguagem, entendendo-se essa última como representação semântica da sentença (e não como nível de representação sintática). No artigo, busca-se a análise do modificador de grau *pitat* ‘muito/mesmo’ da língua Karitiana (família Arikén, tronco Tupi) no domínio verbal. Para preparar o caminho para a apresentação de sua própria análise e, ainda, familiarizar o leitor com os dados, a autora não só descreve, sucintamente, o modelo da Semântica Formal, mas também revê as principais características da língua Karitina, a partir do que tem sido a produção de análises sobre essa língua ao longo de um período de tempo que já ultrapassa três décadas. Nesse período, foram produzidos trabalhos que cobrem a fonologia, a sintaxe e a semântica, o que faz do Karitiana uma língua relativamente bem descrita. Cabe o registro de que algumas afirmações ou resultados provenientes desses trabalhos anteriores são úteis à própria análise desenvolvida no artigo. Essa tem como seu ponto de partida a distribuição do advérbio *pitat* ‘muito/mesmo’ com sintagmas verbais em Karitiana – distribuição que aponta para uma previsibilidade no comportamento de *pitat*, que é dependente do tipo de predicado verbal que esse advérbio modifica, se télico ou atélico. Conforme demonstra a autora, a distribuição e o significado em clara dependência do tipo de predicado fazem de *pitat* “um advérbio bastante diferente

dos modificadores de grau verbais estudados na literatura”. Diante desse fato, a busca por explicações instituiu-se como necessária à análise, envolvendo essa: a) a diferença de significado de *pitat*, ao ser esse um modificador de predicado télico e atélico; b) a capacidade de *pitat* em estar associado a uma gama de situações vinculáveis a diferentes escalas, como distância, velocidade e duração temporal. E, como decorrência do que é uma necessidade analítica, a autora se volta para as propriedades desse modificador e para uma análise que acolhe graus e escalas indeterminadas. Defendendo que *pitat* é um modificador de grau e se aplica, portanto, a predicados graduáveis, a autora avança a ideia de que esse não apresenta restrição em seu domínio e pode ocorrer com predicados de escala aberta ou fechada. Sustentada pela autora, tal proposta não representa um problema para a ocorrência do modificador de grau com verbos atélicos, uma vez que as escalas, nesse caso, seriam construídas contextualmente (ao invés de estarem disponíveis no léxico). Ao assumir que predicados atélicos denotam eventos associáveis a várias dimensões possíveis, admite-se a variabilidade de escalas relacionadas a essas dimensões e, com isso, a indeterminação na leitura das sentenças. A gama de situações ligadas a predicados atélicos em Karitiana comprova que a sentença é verdadeira, sendo que, ao modificar predicados atélicos, *pitat* – que opera em escalas dadas contextualmente – tem como sua leitura aquela de um grau acima do normal nas escalas associadas ao predicado. Nos casos em que *pitat* modifica predicados télicos, seu significado é o de afirmação, não havendo associação a escalas indeterminadas relacionadas ao predicado: predicados verbais télicos podem ser considerados como predicados de escala fechada e, ao modificá-los, *pitat* seleciona o grau máximo na escala denotada pelo predicado verbal, representado aí pelo *telos* do evento. A autora preocupa-se em detalhar a implementação, do ponto de vista formal, da proposta de análise que apresenta e desenvolve. Ao oferecer e sustentar uma análise unificada para o advérbio *pitat* ‘muito/mesmo’ em Karitiana, realiza uma contribuição teórica, no sentido de que sua análise apoia a existência de um novo parâmetro de divisão dos predicados graduáveis – a indeterminação das escalas.

A questão da contribuição teórica encontra-se no cerne do último artigo, “Línguas Indígenas Brasileiras: o novo campo de provas dos universais linguísticos”, de Ana Paula Quadros Gomes. Em momento em que se torna necessário verificar se universais realmente se sustentam diante da diversidade linguística, as línguas indígenas adquirem centralidade, por poderem refutá-los, ou confirmá-los. Tendo ocupado, durante um longo tempo, no cenário internacional, uma posição marginal nos estudos linguísticos, tais línguas ganham novas possibilidades de estudo, na emergência de um espírito de resgate do seu valor como tema de estudos formais que têm na busca ou surgimento de novos dados algo fundamental como ponto de sustentação ou refutação. Assim, sob um novo regime de visibilidade, as línguas indígenas – cujo estudo científico já vinha sendo reconhecido, de longa data, como de importante contribuição para as perspectivas de estudo das línguas naturais – têm a sua importância ampliada, sobretudo as línguas indígenas faladas no Brasil, as quais constituem “o novo campo de provas para o teste da adequabilidade empírica e para o poder explanatório de várias teorias linguísticas”. Em seu artigo, a autora focaliza especialmente três línguas indígenas faladas no Brasil, selecionadas em face de um destaque comprovado pelo número de artigos suscitados e publicados em veículos de prestígio na área; e, ainda, por apresentarem propriedades gramaticais incomuns, que, reveladoras de um determinado aspecto

teoricamente relevante, despertaram a atenção, no cenário internacional, de linguistas não necessariamente voltados para o estudo de línguas indígenas. As línguas escolhidas pela autora são o Pirahã, o Karajá e o Karitiana, as quais se vinculam a importantes pontos de debate ou questões teóricas. Com relação ao Pirahã, o grande ponto de debate gira em torno da Recursividade, considerada uma propriedade universal, necessária e suficiente para a distinção entre a linguagem humana e a comunicação entre as outras espécies. Em relação ao Karajá, o destaque concedido a essa língua provém do fato de que dispõe de um sistema dêitico altamente gramaticalizado, tendo sido o seu processo de dêixis vinculado a sofisticadas pesquisas experimentais em psicolinguística. Quanto ao Karitiana, a proeminência adquirida no cenário internacional provém, de um lado, de uma multiplicidade de trabalhos realizados no contexto de uma profícua parceria acadêmica (sobretudo nas áreas de sintaxe e semântica); e, de outro lado, do fato de essa língua poder ser integrada ao ainda pequeno conjunto daquelas que desconfirmam universais sobre determinantes e quantificadores (“*Determiner Universal*”; “*Quantifier Universal*”). No artigo, a autora desenvolve pontos e questões teóricas relacionados como relevantes e exemplificados pelas línguas em questão. E, ao finalizá-lo, chama a atenção para a importância de haver um conhecimento acumulado sobre os diferentes níveis da gramática de uma língua, para que a mesma possa ser alvo de um empreendimento no campo dos estudos semânticos de caráter formal (semântica formal) – o que, conseqüentemente, aponta para a necessidade de parcerias acadêmicas, cooperação entre estudiosos especialistas em diversas áreas. Na visão da autora, essa cooperação é necessária e urgente, para que várias outras línguas indígenas deixem a condição de sub-representação no cenário científico internacional.

Os movimentos internos às análises presentes nos artigos aqui abordados e constituidores do presente número da LIAMES revelam uma boa parte das tendências em curso e das perspectivas abertas nos estudos das línguas indígenas. Assim, se essas têm a sua importância potencializada diante da expectativa de contribuições teóricas sob o ângulo de estudos formais – algumas das quais já efetivadas –, outras necessidades se apresentam ao seu estudo, nem todas vinculadas a uma mesma ótica teórica. Os estudos morfológicos (ou a variável morfologia, como consta em um dos artigos aqui apresentados) e sintáticos continuam a ter um papel de relevo, considerando-se a necessidade de refinamento de certos pontos de análise em línguas específicas, como exemplificam alguns temas, a saber: a) causatividade, cujo estudo envolve morfologia e sintaxe, sem excluir a semântica, já que sempre é possível verificar, ao lado dos contextos morfossintáticos, a semântica disparada por cada construção; b) a ergatividade e sua cisão (cujo estudo se desloca da marcação em argumentos nominais para o estudo, entre outras coisas, de bases verbais e seus matizes semânticos, ao lado da investigação sobre a derivação no âmbito dessas bases e do estudo dos índices verbais de pessoa e seus efeitos sintáticos); c) o paralelismo formal entre nomes e verbos, tema que dá continuidade a preocupações que envolvem categorias funcionais e categorias lexicais. Vale notar que tais temas, presentes em artigos aqui abordados, se entrelaçam a matizes ou acepções semânticas, como deixaram claro seus respectivos autores. E que preocupações com expressão morfológica e possibilidades estruturais podem trazer acopladas questões vinculadas a papéis temáticos (que envolvem conceituação semântica). Um outro registro é o de que, na área de interesse que recobre línguas indígenas, também estão presentes

investigações que envolvem pragmática e gramática, na medida em que se privilegia a busca de conhecimento sobre operações referentes a mecanismos cuja natureza abrange esses dois campos. Com o exposto, fica clara a relação entre níveis e campos de estudos, não tendo recebido muito (ou mesmo qualquer) investimento, em anos recentes, a ideia de níveis ou campos de estudos estanques. A interface entre níveis e campos se torna proveitosa para a produção de conhecimento, nem sempre cabendo aos níveis/campos envolvidos um mesmo peso em uma relação de interface, o que não sinaliza, necessariamente, uma imperfeição. Assim, por exemplo, se o aporte fonológico pode ser conjugado (e, às vezes, de modo marginal) a questões de derivação morfológica, esse também pode adquirir centralidade, ao desvelar informações linguisticamente relevantes a partir de um material em si limitado, sem que sejam, porém, descuradas informações para além da fonologia – como se dá no caso do primeiro artigo aqui apresentado. Da mesma forma, se no âmbito da semântica formal está em jogo a representação semântica de uma sentença sem que essa se confunda com a representação sintática dessa mesma sentença, nesse mesmo âmbito se faz necessário levar em consideração a produção acumulada de conhecimento sobre os outros níveis da gramática, como condição sem a qual a própria análise semântica, do ponto de vista formal, fica impedida de ocorrer – como demonstrado pelos dois últimos artigos.

Os artigos aqui apresentados constituem uma amostra representativa dos estudos sobre línguas indígenas na atualidade. Em face dos movimentos internos às próprias análises aí desenvolvidas, o caminho que apontam é o da relação entre níveis e campos de estudos (interfaces) e o da cooperação científica entre pesquisadores – colaborações que fazem, enfim, a produção de conhecimento se acumular e avançar.